

PROJETO DE EXTENSÃO MINI JARDINS: O ATELIÊ DE CERÂMICA COMO ESPAÇO DE APRENDIZADO CONVÍVIO E CULTIVO DE SUBJETIVIDADES

BRUNO BAIRON SCHUCH¹; ANA PAULA A. BARBOSA²

¹Universidade Federal de Pelotas - brunoschuch@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - Orientadora - anatererra.ceramica@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar o Projeto de Extensão Mini Jardins, vinculado à Câmara de Extensão do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Expõe questões teóricas e práticas acerca do funcionamento do projeto, bem como suas articulações extensionistas entre a universidade e a comunidade. Procurando encontrar os pensamentos de Nicolas Bourriaud, José Luiz Kinceler e Jorge Larrosa Bondía, entre outros, as atividades desenvolvidas no projeto vem sendo pensadas como um trabalho de arte relacional. Intenta-se propiciar um ambiente de ensino e aprendizado mútuo entre comunidade geral e acadêmica. Interessam as trocas solidárias, afetivas e de aprendizado. Pensar a possibilidade de uma arte relacional é buscar o que aponta Bourriaud, como “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (BOURRIAUD, 2009).

O projeto tem como motivação prática a confecção de mini jardins, pequenos espaços de cultivo de plantas. Na confecção de vasos, bandejas, pratos, objetos diversos para o suporte dos jardins, objetos decorativos para o mesmo, ou ainda quaisquer outros que sejam de sua vontade, o participante do projeto é provocado a viver, em uma primeira instância, uma experiência estética. Mas, o intuito das práticas artísticas é outro. Pretende-se utilizar o barro como instrumento nos processos de aprendizado e convívio para a construção de subjetividades em um palco de interações e experiências artísticas e sociais. O ateliê e suas imediações são espaços naturalmente provocadores dessas experiências. Conforme nos coloca Bondia,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDIA)

Através da prática da cerâmica, pelo compartilhamento do espaço, equipamentos e instrumentos relacionados ao conhecimento cerâmico, busca-se que este projeto funcione “como uma rede de contaminação entre seus membros e considere a singularidade desses, proporcionando um ambiente de troca e socialização de conhecimentos” (DAMÉ, 2011).

Entre os participantes do projeto estão acadêmicos dos cursos de artes e de outras áreas, professores, servidores, pessoas da comunidade não acadêmica, que frequentam e produzem no espaço do ateliê. Os membros do grupo, provocados a

trabalhar o barro e investigar sua materialidade, constroem objetos, pesquisam possibilidades, vivenciam, experimentam, refletem, apreciam,

convivem, estabelecem e fortalecem a esfera das interações humanas, seja entre estudantes, professores e funcionários da universidade, seja entre estes e os membros da comunidade em geral. (DAMÉ, 2011).

Objetiva-se que esse convívio entre membros da comunidade geral e acadêmica aproxime diferentes indivíduos onde estes possam construir juntos sua subjetividade. Confeccionar e tratar um jardim pode proporcionar novas e significativas trocas afetivas, bem como aprofundar conhecimentos específicos sobre o cultivo de plantas, técnicas artísticas, sobre a história da cerâmica, sobre arte, sobre a vida que cerca o ateliê. O indivíduo que participa do projeto não só é convidado a aprender, mas a ensinar o que sabe, e assim, aprender a ensinar.

2. METODOLOGIA

Acontecendo desde 2014, como apêndice do Projeto Transitar¹, em março de 2016 o Projeto Mini Jardins tornou-se independente, sendo reconhecido como projeto de extensão junto à Pró-reitora de Extensão e Cultura da referida Universidade Federal de Pelotas. Funciona com dois encontros semanais para prática e troca de saberes. Também são oferecidas atividades como oficinas de cerâmica para confecção de vasos, bandejas e suportes diversos; experiências com queimas das cerâmicas em fornos artesanais e convencionais; encontros para trocas de mudas e informações sobre botânica; além do planejamento e realização de exposições coletivas.

Além do desenvolvimento de pesquisas poéticas individuais, características do ambiente universitário, incentivam-se no projeto atividades que valorizem singularidades, proporcionando a todos os participantes um espaço de expressão própria. “A metodologia do projeto vem sendo modelada ao longo do percurso de sua existência de forma que atenda às necessidades dos participantes, enquanto oportuniza a conquista da autonomia de cada membro do grupo” (DAMÉ, 2011).

Quando uma pessoa chega ao projeto é apresentado ao grupo e conhece as instalações do ateliê e os materiais disponíveis para uso coletivo. De acordo com suas necessidades ele é apoiado no desenvolvimento de suas ideias, aprendendo as técnicas básicas, mas paralelamente a isso, é posto em contato com as dinâmicas de funcionamento do ateliê de modo a participar ativamente de todos os processos que envolvem o fazer social e prático do espaço.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De 2014 até o momento, estimasse que aproximadamente oitenta pessoas tenham passado pelo projeto. No primeiro semestre de 2016 foram devidamente registrados 27 pessoas. No entanto, existem participantes esporádicos. Ao todo estima-se que mais de cinquenta teriam participado ativamente nesse período.

Entre os dias 01 e 15 de abril de 2016, ainda existindo extraoficialmente, o grupo realizou exposição de seus trabalhos, contando com a participação de vinte e dois expositores que ocuparam sala no Espaço de Arte Daniel Bellora. Foram registrados 347 visitantes, com participação de escolas e entidades locais e regionais, tais como a Escola Castro Alves e o Garden Club de Jaguarão.

No dia 05 de maio, doze pessoas participaram de oficina de cultivo de mini orquídeas ministrada por um participante do projeto. No dia 16 de junho, quinze

¹ Projeto de extensão ligado à Pró-reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas, que desde o ano de 2007 abre o ateliê de cerâmica do Centro de Artes da referida Universidade para acadêmicos e membros da comunidade em geral para frequentar e produzir no espaço.

peessoas participaram da oficina de kokedama, ministrada também por uma participante do projeto.

Este semestre aconteceram duas queimas de peças em forno elétrico convencional e uma em forno artesanal onde os participantes do projeto puderam finalizar suas peças. Os encontros do grupo tem acontecido terças-feiras das 17h às 21h e quintas-feiras das 13:30h às 17:30h, com presença de monitor de extensão que auxilia nas atividades. Vem se realizando pesquisa teórica e prática no campo de ensino-aprendizagem, buscando a produção de materiais didáticos e textos acadêmicos.

4. CONCLUSÕES

Entende-se que este trabalho, bem como o relatado aqui, desenvolvido de forma prática no ateliê, ainda está em crescimento. E por sua juventude, é fecundo em possibilidades. Busca-se assim, apontar aqui os futuros caminhos de atuação e pesquisa. Busca-se alcançar uma possibilidade de relação entre comunidade acadêmica e geral em que sejam valorizadas as trocas horizontais de conhecimentos, na busca pela construção não apenas de capital matéria ou social, mas de subjetividades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, J L. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In Revista Brasileira de Educação – Nº 19. Campinas: ANPed, 2002.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DAMÉ, P. BARBOSA, A. SANTOS, J. CAMPOSE, K. HOLZ, T. Transitar: construindo redes de singularidades. In: SILVA, U. R, da (org.) *Arte e Visualidade: os desafios da imagem*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011. Cap.01, p. 11-27.

KINCELER, José Luiz. As noções de Descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de “Vinho Saber – Arte Relacional em sua forma complexa”. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, Florianópolis, 2008. Acessado em 20 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/162.pdf>

_____. Vinho Saber: Arte Relacional em sua forma complexa. In: XVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis, 2007. Acessado em 20 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/142.pdf>